

Parte I - A Constituição do Psiquismo em Freud

2.

O Eu e o Corpo no Projeto

2.1.

O problema da quantidade

Ao escrever o *Projeto para uma Psicologia Científica*, em 1895a, Freud tinha o objetivo de inserir a psicologia no quadro das ciências naturais. Para isso, ele tentou elaborar uma teoria quantitativa do funcionamento psíquico que enfatizasse uma abordagem econômica das excitações que atingem o corpo e, assim, chegar a algumas conclusões sobre o indivíduo normal, a partir da psicopatologia. Portanto, desde o *Projeto* é possível verificar a importância que Freud já atribuía para as experiências que atingem o corpo, na determinação do que somos e do que nos tornamos.

Freud (1895a), na ocasião, descreve o psiquismo como um aparelho capaz de transmitir e transformar energias, cujo funcionamento era explicado segundo a existência de uma quantidade de excitação Q , que diferencia a atividade do repouso dos neurônios. O autor distingue dois tipos de quantidade Q : a primeira, nomeada apenas por Q , refere-se à quantidade de excitação ligada à estimulação sensorial externa; e a segunda, denominada de Q' , refere-se à estimulação interna, do próprio corpo. Ou seja, Q' é psíquica, enquanto Q aponta para quantidade de estímulos externos¹. O ponto de vista econômico proposto por Freud (1895a) diz respeito à maneira como Q circula no sistema de neurônios, passando de um para outro, percorrendo as múltiplas bifurcações neuronais e encontrando diversos caminhos possíveis. O autor (1895a) supõe que o aparelho psíquico fosse regulado pelo princípio de inércia, segundo o qual “os neurônios tendem a se livrar de Q ” (Freud, 1895a, p.348). Isto é, os neurônios são investidos por uma quantidade de Q , que os diferenciam da atividade do repouso e, no

¹ Entretanto, muitas vezes o emprego que Freud faz de ambos os termos é ambíguo. Mas, segundo Garcia-Roza (1992), parece que a quantidade a que ele se refere é quase sempre Q' . Desse modo, será utilizada apenas a nomenclatura Q para designar tanto as excitações provenientes do mundo externo, quanto as endógenas.

entanto tendem a se ver livres dessa carga. O modelo do arco reflexo, no qual a quantidade de excitação recebida pelo neurônio sensitivo é totalmente descarregada na extremidade motora, seria um exemplo da regulação do princípio de inércia. Desse modo, a principal função do sistema nervoso seria livrar-se de Q, seja através da descarga ou da fuga do estímulo. Porém, apesar da tendência à descarga, o sistema nervoso se estrutura de modo a criar barreiras de contato que dificultam esse processo. Freud (1895a) observa, portanto, que, além do princípio de inércia, a circulação de Q também era regulada pelo princípio de constância, que consiste em evitar o livre escoamento da energia, para servir aos estímulos de natureza endógena, que mais tarde serão denominados por pulsão. Esses estímulos criam as grandes necessidades vitais, como a fome, a respiração e a sexualidade, mas, ao contrário dos estímulos externos, que podem ser evitados, deles não é possível fugir. Eles só desaparecem depois da realização de alguma ação específica no mundo externo e, para isso, é preciso que o sistema nervoso disponha de energia para realizar essas ações, o que não aconteceria se, em função do princípio de inércia, toda a quantidade de energia investida fosse descarregada. Assim, o sistema nervoso é obrigado a tolerar um acúmulo de Q para servir a este propósito. Em outras palavras, o aparelho psíquico precisa dar conta de atividades que são mais complexas do que as respostas reflexas às estimulações exteriores, como as grandes necessidades vitais, que requerem um armazenamento prévio de certas quantidades.

“O sistema nervoso é obrigado a abandonar sua tendência original à inércia (isto é, a reduzir o nível da Q'η a zero). Precisa tolerar a manutenção de um acúmulo de Q'η suficiente para satisfazer as exigências de uma ação específica. Mesmo assim, a maneira como realiza isso demonstra que a mesma tendência persiste, modificada pelo empenho de manter a Q no mais baixo nível possível e de se resguardar contra qualquer aumento da mesma – ou seja, mantê-la constante” (Freud, 1895a, p.349).

Segundo Freud (1895a), o que impede o livre escoamento da quantidade de energia são as barreiras de contato que oferecem resistências localizadas nos pontos de contatos entre os neurônios, impedindo que a energia passe livremente. Em função das barreiras de contato, o autor descreve duas classes de neurônios: os neurônios permeáveis, que possibilitam a passagem de Q como se não houvesse barreira de contato e retornam depois de cada passagem ao mesmo estado

anterior; e os neurônios impermeáveis, cujas barreiras de contato oferecem resistência ao livre escoamento de Q, permitindo a passagem com dificuldade ou parcial, podendo se modificar depois de cada excitação, constituindo, assim, uma memória. Logo, dois sistemas de neurônios são formados: o sistema de neurônio Φ , formado por neurônios permeáveis, destinados à percepção; e o sistema de neurônio ψ , formado por neurônios impermeáveis, retentivos de parte de Q e responsáveis pela memória. A passagem parcial de Q pelos neurônios ψ provoca uma alteração ou uma marca nas barreiras de contato, que é denominada por Freud (1895a) de facilitação e depende, para ocorrer, da maior ou menor quantidade de Q que o neurônio recebe. A diferença entre os dois sistemas de neurônios pode ser justamente devida à posição que eles ocupam em relação à fonte de excitação. Ou seja, os neurônios Φ recebem estimulações de fonte externa, enquanto que os neurônios ψ são estimulados por fonte endógena ou, indiretamente, por fonte exógena via Φ . Consequentemente, a carga de Q nos neurônios Φ seria muito maior do que nos neurônios ψ , o que não permitiria a criação de barreiras de contato que seriam imediatamente destruídas pela intensidade de Q. A diminuição da resistência no sistema de neurônio ψ faz com que, posteriormente, uma nova excitação procure percorrer o mesmo caminho onde houve uma facilitação.

Segundo Anzieu (1989), o conceito de barreira de contato pode ser considerado uma antecipação da sinapse, na medida em que consiste em uma barreira que, por estar localizada nos pontos de contato entre os neurônios, tem a função de inibir a descarga, reter a quantidade ou permitir apenas uma determinada passagem parcial. Anzieu (1989) atribui ao conceito de barreiras de contato um papel preponderante para o funcionamento psíquico, devido a algumas de suas propriedades. As barreiras de contato são retentoras de quantidade, possibilitando que essa carga fique disponível para o sujeito; e são maleáveis, permitindo que ocorra uma facilitação, por onde uma pequena quantidade pode atravessar posteriormente. No entanto, a resistência das barreiras de contato persiste e se restabelece após a passagem da quantidade, mesmo quando uma facilitação se estabeleceu, não permitindo que toda a quantidade presente circule. Essa resistência, porém, tem um limite que pode ser ultrapassado,

temporariamente ou por um período longo, pela irrupção de uma quantidade elevada demais, como, por exemplo, no caso da dor.

Segundo Freud (1895a), os órgãos do sentido funcionam como uma tela protetora entre os estímulos provenientes do mundo externo e o sistema Φ , evitando possíveis danos decorrentes de Q muito intensas. Essa função protetora é exercida por um aparelho denominado por Freud (1920) em *Além do Princípio de Prazer*, de paraexcitação, que seria uma camada mais superficial, atrás da qual se encontra a camada que recebe as excitações (o sistema percepção-consciência). Assim, apenas pequenas quantidades de Q exógenas atingem o sistema Φ . Desse modo, a dor é produzida quando certa quantidade de Q externa age diretamente nas extremidades dos neurônios Φ , e não por atravessar as barreiras de contato. As barreiras de contato são, segundo Anzieu (1989), proteções de segunda linha que precisam, para funcionar, da intervenção da primeira linha, exercida pelo aparelho de paraexcitação, pelo menos no que se refere às excitações vindas do exterior. A ruptura do aparelho de paraexcitação provoca a invasão de Q muito elevada, rompendo as resistências das barreiras de contato. Anzieu (1989) ressalta que o conceito de envelope psíquico, que será estudado com maior profundidade no decorrer deste trabalho, pode ser pressentido como “um encaixe de duas camadas, uma camada externa (para-excitação²; a membrana celulósica dos vegetais, o couro e a capa de pêlo dos animais), uma camada interna (a rede das barreiras de contato; os órgãos sensoriais da epiderme, ou a coifa cortical)” (Anzieu, 1989, p.88). Entretanto, a camada interna é protegida apenas das excitações exógenas, mas não das endógenas. Ou seja, a paraexcitação protege o aparelho psíquico das intensidades de Q, provenientes do exterior, enquanto que as barreiras de contato recebem, por um lado, o que a tela da paraexcitação deixou passar e, por outro, as excitações oriundas do próprio corpo, ligadas às necessidades vitais.

Segundo Anzieu (1898), a função das barreiras de contato não é a proteção quantitativa, “mas de fracionamento da quantidade e de filtragem da qualidade. Sua estrutura não é a de uma tela, mas a de uma peneira” (p.89). O autor ainda acrescenta que “a articulação entre a tela e a peneira oferece a configuração, recorrendo a uma terminologia mais moderna, de uma rede de malhas” (p.89). Ou

² Nas citações diretas e títulos de obras (livros/artigos), a ortografia antiga será mantida, por fidelidade à obra citada.

seja, é a proteção da tela do sistema de paraexcitação mais a peneira da barreira de contato que configuram uma rede de malhas, cuja função é essencialmente a proteção do aparelho psíquico. Veremos a seguir como a filtragem da qualidade acontece configurando a consciência.

2.2.

A introdução da consciência e o problema da qualidade

O funcionamento do sistema nervoso referente aos sistemas Φ e ψ acontece a nível inconsciente e aponta para o aspecto quantitativo. A introdução da consciência vai incluir o fator qualidade e o problema de sua origem. Para resolver esse problema, Freud (1895a) postula um terceiro sistema de neurônios, também permeável, mas responsável pela qualidade da excitação e não pela quantidade, que se comporta como órgão de percepção e recebe o nome de neurônio ω . Esses neurônios são excitados junto com a percepção e são responsáveis pelas “sensações conscientes” (Freud, 1895a, p.361). Isto é, o sistema ω é responsável pelo aspecto sensível da percepção, como, por exemplo, uma cor, um som, uma textura, ou qualquer coisa que aponte para o aspecto qualitativo do estímulo. Segundo Freud (1895a), “a consciência é aqui o lado subjetivo de uma parte dos processos físicos do sistema nervoso, isto é, dos processos ω ; e a omissão da consciência não deixa os eventos psíquicos inalterados, mas acarreta a falta da contribuição de ω ” (Freud, 1895a, p.363).

Os estímulos que afetam os neurônios ω não estão diretamente ligados a fontes endógenas ou exógenas, mas retiram sua energia do sistema ψ , o que a princípio representa uma contradição, já que os neurônios ψ são impermeáveis e os neurônios ω devem ser totalmente permeáveis para possibilitar a mutabilidade de seu conteúdo, ou seja, a transitoriedade da consciência. Desse modo, ao invés de os neurônios responsáveis pela consciência e pela percepção estarem ligados ao sistema de neurônios ϕ que, assim como eles, são permeáveis e voltados para a percepção e para o mundo externo, é ao sistema ψ que Freud (1895a) os associa. Freud (1895a) resolveu esse dilema introduzindo a temporalidade ou periodicidade da excitação nos neurônios ω , ou seja, os neurônios ω recebem uma temporalidade ou um período de excitação que possibilita uma Q mínima possível, apenas necessária para existência da consciência. De acordo com as

palavras de Freud, “os neurônios ω são incapazes de receber $Q'\eta$, mas em compensação apropriam-se do período de excitação; e este seu estado de afecção pelo período, com um mínimo de presença de $Q'\eta$, é o fundamento da consciência” (Freud, 1895a, p.362).

O conceito de período, embora seja referido à quantidade, não é um conceito propriamente quantitativo. Ele diz respeito a uma diferença entre as quantidades, ou seja, grande ou pequena, mas uma diferença da modificação no tempo das alterações quantitativas e não relativa às alterações em si. Isto é, refere-se à mudança de Q num período de tempo. Não é a magnitude do estímulo ou a quantidade de estimulação que irá determinar as sensações de prazer e desprazer, já que o sistema ω , responsável pela consciência, recebe um mínimo de Q para funcionar, que é imediatamente descarregado. A Q que chega a ω é apenas o mínimo necessário para que ele possa funcionar como indicador da realidade para ψ . Assim, as sensações de prazer e desprazer em ω são resultados não da Q recebida por ω , mas do período no movimento neuronal, ou seja, não decorrem do aumento ou diminuição do estímulo, embora indiretamente estejam ligadas a ela, mas decorrem de um fator qualitativo. Segundo as palavras de Freud (1895a):

“os neurônios ω mostram uma aptidão ótima para receber o período do movimento neuronal para uma determinada força de catexia; quando a catexia é mais intensa, eles produzem desprazer; quando mais fraca, prazer – até que, devido à falta de catexia, sua capacidade receptiva se extingue” (Freud, 1895a, p.364).

Freud escreveu uma carta a Fliess, em janeiro de 1896, na qual descreveu as três maneiras pelas quais os neurônios se afetam: a primeira refere-se à transferência de quantidade de um para outro, a segunda é a transferência de qualidade de um para outro, e a terceira corresponde a uma excitação recíproca, ou seja, exercem um efeito excitante uns sobre os outros. Os neurônios ω não necessitam de descarga, seu investimento aumenta ou diminui pela excitação recíproca que mantém com ψ , o que significa que, quando a quantidade de Q em ψ aumenta, a catexia de ω aumenta; e quando a quantidade de Q em ψ diminui, a catexia de ω diminui. Isso porque a possibilidade de excitação recíproca não implica em acúmulo de carga energética e a resistência oferecida pelas barreiras de

contato só se aplicam à transferência de Q e não à ação recíproca. São os neurônios ω que guiam a descarga de energia livre dos neurônios ψ .

“Os neurônios Φ transferem para os neurônios ω sua qualidade (e não quantidade), enquanto que os neurônios ω não transferem para os neurônios ψ nem qualidade, nem quantidade, apenas excita ψ , isto é, indica para ψ as vias a serem tomadas pela energia livre ψ ” (Garcia-Roza, 1991, p.104).

“E são essas modificações que passam através de Φ , via ψ , até ω , e aí, onde estão quase desprovidas de quantidades, geram sensações conscientes de qualidades” (Freud, 1895a, p.362). O sistema nervoso tem a tendência a descarregar uma parte da Q dos estímulos do sistema Φ , enquanto outra parte é transferida para ψ , parte esta correspondente à magnitude de um estímulo intracelular. Portanto, o sistema ψ de neurônios recebe estímulos endógenos e também exógenos, via Φ . Assim, Freud (1895a) divide o sistema ψ em duas partes: o ψ pallium, que são investidos a partir de Φ ; e ψ núcleo, que são investidos a partir de fontes endógenas. O ψ núcleo está em conexão direta com as excitações endógenas, sem defesas, não há aqui nenhuma tela protetora. O sistema ψ núcleo mais o sistema ϕ são responsáveis pela atividade reflexa, já o sistema ψ pallium mais o sistema ω vão responder pelos processos psíquicos em geral (percepção, memória, pensamento, desejo, prova de realidade).

A consciência fornece ao sistema ψ os signos de qualidade e realidade, e também as sensações de prazer e desprazer, distinção esta fundamental para se entender o funcionamento psíquico. “O desprazer teria que ser encarado como coincidente com um aumento do nível de $Q'\eta$ ou com um aumento da pressão quantitativa: equivaleria à sensação ω quando há um aumento da $Q'\eta$ em ψ . O prazer corresponderia à sensação de descarga” (Freud, 1895a, p.364). Desse modo, o sistema ω não é atingido diretamente pelos estímulos do mundo externo. Entre ω e o exterior existem os órgãos do sentido, que, como visto, funcionam como uma tela protetora; e o sistema ψ , que Freud (1895a) descreve como um sistema intermediário, moderador, cuja função é a filtragem e amortecimento. Ou seja, “as modificações passam através de Φ , via ψ , até ω , e aí, onde estão quase desprovidos de quantidades, geram sensações conscientes de qualidades. Essa transmissão da qualidade não é duradoura; não deixa rastro e não pode ser reproduzida” (Freud, 1895a, p.362).

A essa função de filtragem do sistema ψ entre o estímulo e o sistema ω , Anzieu (1898) também atribui as barreiras de contato. Segundo o autor, uma das funções das barreiras de contato “poderia ser resumida dizendo que elas servem para separar a quantidade da qualidade e para trazer à consciência a percepção das qualidades sensíveis, principalmente o prazer e a dor” (Anzieu, 1898, p.90). É a possibilidade de alteração das barreiras de contato que distingue a memória atribuída aos neurônios ψ e a percepção atribuída aos neurônios Φ e ω . Assim, Anzieu (1898) acrescenta que a rede malhada das barreiras de contato constitui uma superfície de inscrição, ou seja, possui as marcas deixadas pelas sensações vividas, diferente da tela de paraexcitação, cuja função é apenas sua proteção. A rede das barreiras de contato possui uma face voltada para as excitações do mundo externo, transmitidas pelos neurônios Φ , protegida pela tela de paraexcitação; e outra face interna, voltada para o interior do corpo. Para resumir, Anzieu (1989) afirma que “as barreiras de contato têm uma função de separação tripla do inconsciente e do consciente, da memória e da percepção, da quantidade e da qualidade” (Anzieu, 1989, p.91).

O último ponto a ser destacado sobre a transmissão da qualidade, ou seja, da sensação consciente, refere-se ao seu caráter transitório e à questão, a saber, como a sensação de prazer e desprazer em relação a algo é armazenada, podendo ser recordada quando necessário. Até então, Freud (1895a) descrevia a percepção e a memória como excludentes uma da outra; assim o sistema responsável pelo registro das sensações conscientes não poderia funcionar como memória. Anzieu (1989) atribui os registros das sensações às modificações nas barreiras de contato dos neurônios. No entanto, Freud, na carta 52 que escreveu a Fliess em dezembro de 1896, supôs que a memória se faz presente em diferentes registros, separados de acordo com a inscrição em tipos de neurônios diferentes. Freud (1896a), então, montou um novo esquema do aparelho psíquico, no qual propôs a distinção de quatro tipos de neurônios. O neurônio W, responsável pelas percepções, ligado à consciência e destituído de memória. O neurônio Wz, que seria a primeira indicação da percepção, ou seja, formaria o primeiro registro das percepções, seria inacessível à consciência e sua circulação se daria por simultaneidade. O segundo registro, descrito como Ub, corresponderia à inconsciência, ou, dito de outro modo, às lembranças conceituais inacessíveis à consciência, e sua articulação se

daria por associação de causalidade. Por último, Freud (1896a) descreve a terceira inscrição, chamada de Vb, que estaria ligada às representações verbais e corresponderia ao nosso eu, reconhecido como tal. As catexias de Vb seriam pré-conscientes e só se tornariam conscientes num segundo momento, ligado à ativação alucinatória das representações verbais. Freud (1896a) buscou, com esse novo esquema e com a ideia de diferentes registros, compor tanto a memória quanto a percepção num mesmo aparelho psíquico, já que os dois processos eram considerados excludentes um do outro. O autor considerou que os sucessivos registros representariam a realização psíquica de fases diferentes do desenvolvimento psíquico, e deveria ocorrer na fronteira entre essas fases uma tradução do material psíquico, para passar de um registro para outro. Assim, cada novo registro inibe o anterior e lhe tira o processo de excitação. Uma falha nessa tradução resultaria no processo de recalque, o que Freud (1896a) já aponta como defesa muito frequente contra os eventos sexuais.

Fontes (2002) ressalta que Wz seria o primeiro registro mnêmico, disposto de acordo com a associação por simultaneidade, inacessível à consciência, porém proveniente de W (percepções). Assim, a autora faz uma leitura desse esquema proposto por Freud, na qual afirma que, em um momento muito precoce, pré-simbólico, essa tradução pode não ocorrer entre os sistemas Wz e Vb, ou seja, “as sensações sendo registradas e não traduzidas” (Fontes, 2002, p.47). Logo, as sensações ficariam registradas, podendo aparecer através do corpo, mas não da linguagem. Por se tratar de um momento muito precoce, a autora sugere que esse processo seria anterior ao recalque. Desse modo, essa é a conclusão de Fontes: “Compartilho a idéia de que a percepção não inscrita na expressão verbal não é memorizável, o que não quer dizer que o índice de qualidade não ficará registrado, podendo, em certo momento, advir como anúncio ou índice” (Fontes, 2002, p.47).

2.3.

O outro na origem da experiência de satisfação

Freud (1895a) ressalta que o ser humano, ao nascer, é incapaz de realizar sozinho as ações específicas que exigem uma alteração não só interna, mas também no mundo externo, necessárias para a eliminação da estimulação na fonte no interior do corpo. Esta é a marca do desamparo proposto por Freud, na medida

em que as ameaças do mundo externo e do seu próprio corpo colocam o bebê, ao nascer, totalmente dependente da pessoa responsável pelos seus cuidados. Já em 1895a, Freud enfatiza o fator determinante das trocas com o meio circundante para o funcionamento mental primitivo. De acordo com as palavras do autor: “o organismo humano é, a princípio, incapaz de promover essa ação específica. Ela se efetua por ajuda alheia, quando a atenção de uma pessoa experiente é voltada para um estado infantil por descarga através da via de alteração interna” (Freud, 1895a, p.370) Isto significa que a Q proveniente de estimulação endógena armazenada no sistema ψ apresentará a mesma tendência à descarga através dos caminhos motores comum aos demais neurônios. No entanto, o alívio da tensão em ψ não ocorrerá segundo o modelo do arco reflexo, ou com a simples descarga motora, como, por exemplo, o choro ou a agitação motora, pois o estímulo endógeno continuará atuando, além de produzir um sentimento de desprazer em ω . Essa descarga interna, contudo, tem a importante função de comunicação, constituindo uma forma de introdução do recém-nascido na ordem simbólica. Já a vivência de satisfação consiste na eliminação da tensão decorrente dos estímulos endógenos, o que só ocorre mediante uma ação específica, que implica uma alteração no mundo exterior, realizada no início da vida por aquele que cuida do bebê.

“Quando a pessoa que ajuda executa o trabalho da ação específica no mundo externo para o desamparado, este último fica em posição, por meio de dispositivos reflexos, de executar imediatamente no interior de seu corpo a atividade necessária para remover o estímulo endógeno. A totalidade do evento constitui então a experiência de satisfação, que tem as consequências mais radicais no desenvolvimento das funções do indivíduo” (Freud, 1895a, p.370).

Com a experiência de satisfação, três coisas acontecem dentro do sistema ψ : uma descarga motora elimina o impulso que produz desprazer em ω , surge no ψ pallium o investimento de um conjunto de neurônios referentes à percepção do objeto que promoveu a satisfação, e o sistema ψ pallium também recebe informações sobre a descarga decorrente da ação específica. Os caminhos percorridos por Q para a satisfação deixam marcas que, segundo Fontes (2002), remetem “a um processo mnêmico que não é de início informativo e sim energético” (p.48). Ou seja, as diferenças de facilitação entre os neurônios ψ dão

base para se pensar nos registros das sensações mais precoces, que ficam inscritas no corpo como marcas.

Quando o estado de necessidade surgir novamente, o impulso psíquico irá procurar reinvestir a imagem mnêmica do objeto, com o intuito de reproduzir a satisfação original. Logo, a vivência de satisfação cria uma facilitação entre duas imagens-lembrança – a do objeto de satisfação e a da descarga pela ação específica – e os neurônios do núcleo catexizados. Assim, com o reaparecimento do impulso, as duas imagens-lembranças são investidas novamente, reativando-as. O processo é semelhante à percepção original, porém sem o objeto real presente, ocorrendo então, uma alucinação, que implica em um consequente desapontamento, já que não pode haver satisfação com a ausência do objeto real, no que se refere às necessidades vitais.

O mesmo irá ocorrer com a experiência da dor. O fracasso dos dispositivos que impedem a invasão de grandes Qs, a saber, a descarga e a fuga, possibilitam a invasão excessiva de Q, que provoca a dor. Segundo as palavras de Freud (1895a):

“a dor produz em ψ grande aumento de nível, que é sentido como desprazer por ω , uma propensão a descarga, que pode ser modificada em determinados sentidos, e uma facilitação entre esta última (a propensão a descarga) e uma imagem mnêmica do objeto que provoca a dor” (Freud, 1895a, p.372)

Isto significa que, da mesma forma como ocorre com a experiência de satisfação, se a imagem do objeto hostil for reinvestida, surgirá um estado de desprazer, acompanhado de uma tendência a descarga. Do mesmo modo, três mudanças ocorrem em ψ : o aumento de tensão é sentido como desprazer em ω , surge uma tendência a descarga, e uma facilitação é criada entre a tendência a descarga e uma imagem-lembrança do objeto, que provoca a dor. A Q excessivamente grande pode romper a proteção dos órgãos dos sentidos e ainda superar as resistências oferecidas pelas barreiras de contato, tornando os neurônios inteiramente permeáveis à condução da excitação. A consequência disso é que deixa de haver caminhos diferenciados pelas facilitações e passa a haver um só caminho, ou um não caminho, já que qualquer percurso é possível.

2.4.

O primeiro esboço de eu

Como já visto, a experiência de satisfação produz um traço mnêmico, que é a imagem do objeto que promoveu a satisfação, e que é reativada toda vez que surgir novamente um estado de tensão, produzindo-se, assim, uma alucinação, análoga à percepção, já que o objeto está ausente. O recém-nascido não tem capacidade para distinguir o objeto real do objeto alucinado, o que acaba por frustrá-lo, já que ele reage ao objeto alucinado como se fosse real. Com o intuito de impedir o desprazer decorrente dessa alucinação, Freud (1895a) sugere que existe uma organização diferenciada do sistema ψ , que passa a desempenhar, a partir dos sinais de realidade provenientes pelo sistema ω , a função de inibição do desejo, quando se trata de um objeto alucinado. Freud (1895a) denomina essa organização diferenciada de “eu”, e o define da seguinte forma: “o eu deve, portanto, ser definido como a totalidade das catexias ψ existentes em determinado momento, nas quais cumpre diferenciar um componente permanente e outro mutável” (p.375). Dessa forma, é importante ressaltar que o primeiro esboço de eu descrito por Freud (1895a) não está relacionado à consciência, à realidade ou à percepção, mas sim com o sistema ψ ; e seu objetivo fundamental é dificultar as passagens de Q, que originalmente foram acompanhadas de satisfação ou de dor. Garcia-Roza (1992) resalta esse ponto de vista, afirmando que não se pode confundir o eu do *Projeto* com o eu da segunda tópica do aparelho psíquico proposto por Freud, pois no *Projeto* trata-se muito mais de uma formação particular interior ao sistema ψ que não possui acesso à realidade e não é sujeito da percepção, da consciência e do desejo. O acesso à realidade encontra-se sob o domínio do sistema ω , responsável pela percepção, e não do sistema ψ . Contudo, pode-se estabelecer uma relação entre o eu do *Projeto* e o eu proposto em 1923, que será estudado a seguir, na medida em que ambos pressupõem uma forma de organização.

O sentido conferido ao eu no *Projeto* refere-se a uma parte do sistema ψ cuja função é essencialmente inibidora. Isto é, evita o investimento do traço mnêmico do primeiro objeto satisfatório, com o intuito de impedir a alucinação e a consequente decepção. Assim, o eu é tanto ativo quanto passivo, na medida em que é aquilo que deve ser protegido e, ao mesmo tempo, agente dessa proteção.

Freud (1895a) descreve duas condições nas quais o eu pode se danificar. A primeira ocorre quando um estado de desejo reinveste a lembrança de um objeto, colocando em ação o processo de descarga, que não encontra satisfação com um objeto imaginário. E a segunda condição ocorre quando uma imagem mnêmica hostil é reinvestida, e o eu não consegue realizar uma inibição adequada, provocando uma liberação excessiva de descarga. Os danos em ambos os casos são decorrentes da falta de um indicador da realidade, já que o sistema ψ é incapaz de distinguir o real do imaginário, o que é função dos neurônios ω .

Enquanto os processos do sistema ω estão relacionados com a consciência, os processos do sistema ψ são inconscientes, porém adquirem uma consciência secundária ao serem ligados a processos de descarga e percepção. Segundo Garcia-Roza (1991), “o sistema ω é alimentado por Φ e é ele que por sua vez fornece a ψ as informações que vão constituir a prova da realidade para este último” (Garcia-Roza, 1991, p106). Freud (1895a) aponta como uma das principais funções de ω fornecer ao sistema ψ signos de realidade ou signos de qualidade. A função do eu em ψ de inibir a descarga, quando houver ausência do objeto real, só é possível devido às informações do mundo externo obtidas pelo eu através da percepção, ou seja, do sistema ω . No entanto, como o eu e a percepção pertencem a sistemas diferentes: o eu ao sistema ψ e a percepção ao sistema Φ , é necessário haver uma articulação entre os dois, para que o eu possa distinguir uma representação-percepção de uma representação-lembrança. Segundo Freud (1895a), essa articulação ocorre da seguinte forma: toda percepção excita ω , que não retém Q, por menor que seja, e logo se produz uma descarga em ω , da qual chega uma informação a ψ . A indicação em ψ de uma descarga ocorrida em ω funcionará como sinal de algo externo, ou seja, como signo de qualidade e signo de realidade para Ψ , mecanismo denominado por Freud (1895a) de atenção psíquica.

A inibição e a conseqüente organização exercidas pelo eu fazem com que Freud (1895a) distinga o processo primário do processo secundário. Freud (1895a) concebe o eu como “uma rede de neurônios catexizados e bem facilitados entre si” (p.376), que tem como função a inibição dos processos psíquicos primários. Segundo Garcia-Roza (1991), a experiência primária de satisfação consiste em um momento de indiferenciação original, refere-se ao prazer de

órgão, e não ao princípio de prazer. A passagem do prazer como estado psicológico para o prazer como princípio ocorre pela ligação. Isto significa que a ligação consiste numa contenção ao livre escoamento das excitações, transformando o estado de pura dispersão das excitações, característico do processo primário, em um estado de integração. Freud (1895a) designa de energia livre a Q que atinge um neurônio e tende a distribuir-se através das barreiras de contato mais facilitadas, em direção à descarga motora. No entanto, se um neurônio vizinho é investido simultaneamente devido à sua proximidade e à simultaneidade do investimento, um campo de força unificado é criado e a Q, ao invés de ir em direção à descarga, tem o seu curso alterado por um investimento colateral. O investimento colateral consiste, portanto, em uma inibição do livre escoamento de Q, através da facilitação de uma rede de neurônios. Logo, a ligação corresponde à transformação da energia livre em energia ligada. A energia livre corresponde ao modo de circulação da energia psíquica nos processos primários e está relacionada com o princípio de prazer, enquanto que a energia ligada corresponde ao processo secundário sob o domínio do princípio de realidade. A energia livre tende à descarga de forma mais direta possível, enquanto que a energia ligada tem sua descarga retardada ou controlada.

Eis as palavras de Freud (1895a):

“A catexia de desejo, levada ao ponto de alucinação, e a completa produção de desprazer, que envolve o dispêndio total da defesa, são por nós designadas como processos psíquicos primários; em contrapartida, os processos que só se tornam possíveis mediante uma boa catexia do eu, e que representam versões atenuadas dos referidos processos primários, são descritos como processos psíquicos secundários. Ver-se-á que a pré-condição necessária destes últimos é a utilização correta das indicações da realidade, que só se torna possível quando existe inibição por parte do eu.” (p.379).

São essas ligações que vão constituir um primeiro esboço de organização, o que torna o eu não um agente da ligação, mas sim um efeito dela, que tem por função impedir o livre escoamento. Desse modo, o eu é responsável pela repetição de experiências anteriores (experiências de satisfação) ou pela inibição da descarga. A partir dos signos de qualidade e realidade enviados por ω , o eu torna possível o pensar, que irá distinguir a representação lembrança da representação percepção. Assim, a função do eu de inibir os processos primários, dando lugar

aos processos secundários, faz com que o eu tenha outra função ainda mais importante, a de reguladora do sistema ψ .

Após esse estudo de como Freud primeiro pensou o funcionamento psíquico e sua relação com as experiências do corpo, a seguir será explorado esse mesmo tema em termos de metapsicologia.